

The book cover features a dark red background at the top, transitioning to a light beige background at the bottom. A stylized world map is visible in the background, with a prominent white outline of a continent. The title and author's name are presented in white text within dark grey rectangular boxes.

NARRATOLOGIA E RESSONÂNCIAS BÍBLICAS

no texto da Carta Testamento de Guido M Conforti

Fabrizio Tosolini

Missionários Xaverianos

Missionários Xaverianos

**Narratologia e
Ressonâncias Bíblicas
na Carta Testamento de Guido M.
Conforti**

FABRIZIO TOSOLINI

Este texto foi publicado em *Quaderni del CSA* Vol. 15, n. 2, Edição especial.

Ano jubilar 2020-2021.

Tradução: Pe. Michel da Rocha

Conteúdo

Narratologia e Carta Testamento	03
<i>Narratologia</i>	03
<i>O autor</i>	04
<i>Os leitores</i>	05
Ressonâncias bíblicas no texto da Carta Testamento de São Guido M. Conforti	07
<i>Intertextualidade</i>	08

Narratologia e Carta Testamento

Entre os métodos de análise literária desenvolvidos recentemente, encontra-se a *narratologia*, que também tem sido utilizada para os textos bíblicos¹. Este método pode ser útil aplicá-lo também à *Carta Testamento* (CT), em uma tentativa inicial, parcial, não sofisticada, esperançosamente fácil de entender.

Narratologia

Segundo esse método, reconhece-se que um texto, ao se propor como objeto de um ato de leitura, visa criar uma determinada relação e, por meio dela, individualar, identificar, definir os parceiros desse encontro.

Existe, em cada texto, *um narrador*, a partir do qual o leitor imagina *um autor*. Mesmo esse autor, *o autor implícito*, é alguém que o *autor real* molda, para que sua caracterização influencie o leitor.

Não só isso, mas o autor real, por meio de seus embaixadores, que são o autor implícito e o narrador, também tenta moldar *o leitor*, da mesma forma, em três níveis, ou em três momentos de influência: *o destinatário intratextual*, *o destinatário implícito*, *o destinatário real*.

Obviamente, também a forma como o autor organiza o conteúdo do texto, os seus personagens, o enredo ou desenvolvimento lógico, o pano de fundo ou o contexto, obedecem ao projeto criativo, "poético" que fundamenta sua decisão de escrever.

Vamos rever o que a CT diz sobre os parceiros no ato da leitura: o narrador/autor e o destinatário/leitor.

¹ Um exemplo clássico disso é R. Alan Culpepper, *Anatomy of the Fourth Gospel. A Study in Literary Design*, Philadelphia, Fortress Press, 1983. Ver também J.-N. Aletti, *L'arte di raccontare Gesù Cristo. La scrittura narrativa del vangelo di Luca*, Brescia, Queriniana, 1991.

O autor

Mesmo para uma *lectio cursiva* da CT parece com certa clareza que existem poucos, senão muito poucos "eu" ou verbos na primeira pessoa do singular.

Esses aparecem no início², e quase desaparecem até ao fim, onde reaparecem com considerável frequência, quase imperiosamente: "*E eu, na minha mesquinhez, rezo ao Senhor*" (9); "*Eu queria recomendar tudo isso a vocês, queridos irmãos*"; "*ao desejo vivíssimo que sinto*"; "*E tendo que me despedir de vocês, permitam que, resumindo o que já foi dito, expresso um voto*"; "*E este voto, que vocês devem considerar como o testamento do pai, confio-o ao adorável Coração de Jesus, implorando-o*" (10); "*E neste momento, em que sinto toda a doçura da caridade de Cristo*"; "*aparece na minha frente toda a grandeza da causa*"; "*abraço com efusão de coração*"; "*e sobre todos eu invoco de Deus, na minha grande indignidade*"; "*Com o desejo... eu vos abençoo*" (11).

Por outro lado, quase todos os sujeitos da CT são o "nós" dos membros da Sociedade³, correspondendo ao 'eu' do narrador. O "eu" e o "nós" são continuamente vistos como uma só família, unidos pela "*grandeza da causa*". (11).

O *autor intratextual* assume inicialmente sua tarefa como uma pessoa de pouca importância, quase simples portador de uma carta. Em seguida, identifica-se ao longo do texto com seus destinatários ("*nós*"), e então emerge para a conclusão, com majestade crescente, diante deles, apesar de sua "*mesquinhez*" e de sua diferença com eles: de mensageiro passa a "*irmão*" para revelar-se no final como "*pai*", e não em qualquer momento da sua paternidade, mas no momento mais solene do pai que confia o seu testamento aos filhos, que já são grandes e maduros.

² "*Eu agora vou entrega-las*", "*E ao convidar-vos*" "*Chamo vossa atenção*" (1); em seguida, introduzindo e comentando uma citação de Santo Afonso, "*E aqui não posso deixar de mencionar*", "*e eu também partilho essa trepidação com ele*", "*Eu veria neste fato*" (6).

³ Existem algumas aparições da terceira pessoa do singular ou plural, relativamente indeterminadas, para enfatizar escolhas e responsabilidades particulares (3, 4, 6, 9, 10, 11) e da segunda pessoa do plural, o "vós" dos destinatários intratextuais, que só aparecem no final (10, 11).

Essa diferença, no entanto, permanece enquadrada em um contexto familiar, de intensa relação afetiva, o que também explica como é possível assumir diferentes papéis ao mesmo tempo: na verdade, essa intensidade ultrapassa os papéis⁴, e permite passar de um para o outro porque ninguém consegue esgotá-la.

Por meio dessas caracterizações, também emerge a figura do *autor implícito*, um autor definido simplesmente por sua relação com os "*membros presentes e futuros*" do Sodalício a que deram o nome. O acréscimo de "*futuros*" de alguma forma torna evanescentes as determinações concretas de sua figura: quem ao longo dos séculos poderá ter uma percepção concreta de sua figura histórica? Por outro lado, surge seu papel, em função da Pia Sociedade. O autor intertextual deixa claro que o autor implícito só se preocupa em aparecer nessa qualidade, que já é muito rica em si mesma.

A identificação da "Pia Sociedade de São Francisco Xavier para as Missões Estrangeiras", assim como a assinatura final, ajudam a conectar o autor e os destinatários implícitos ao mundo real: Dom Conforti e os Xaverianos a quem se dirige.

Mas é precisamente esta comparação que permite destacar que na CT Conforti vê não tanto espaços, tempos, atores visíveis, mas antes atos e relações espirituais. Ele se coloca no alto, no cerne daquilo que o une aos leitores, a vocação Xaveriana, numa visão sublimada de sua Obra: ele a vê *sub specie aeternitatis*.

Os leitores

O que aparece da figura do autor, tanto intratextual quanto implícito, é confirmado pelo que se descobre no processo de leitura, sobre os destinatários da carta.

Eles escapam dos limites temporais, são caracterizados simplesmente como "*(Aos) Caríssimos Missionários presentes e futuros da Pia Sociedade*" (prescrito); como: "*queridos irmãos, diletíssimos*"; como: "*os membros*

⁴ "E neste momento, em que sinto toda a doçura da caridade de Cristo, *muito mais forte de toda afeição natural...*" (11).

presentes e futuros de nossa Pia Sociedade" (10); e como: "aqueles que deram o nome ao nosso pio Sodalício e quantos irão dá-lo no futuro" (11).

Algumas características emergem: a qualificação como "*Missionários*" no início, "*caríssimos*" missionários, na terceira pessoa, no prescrito da CT; esta qualificação evolui para a sua identidade como "*irmãos*", amadíssimos e desejadíssimos, na segunda pessoa, para terminar, novamente na terceira pessoa do plural, naquela simplesmente de "*membros*" do "*nosso*" pio Sodalício, no final da CT, e "*aqueles que deram o nome*", identificados com base em seu número ("*quantos*") e sua escolha, para fazer parte da Pia Sociedade.

Ao longo do texto, eles são associados ao autor em um "*nós*" constante e contínuo que culmina no "*queridos irmãos, diletíssimos*" (10) com as quais as exortações avançam para a sua conclusão.

Ainda no que se refere aos destinatários, como estão representados no texto, vemos uma evolução. No início têm uma identidade própria, ou um projeto inicial: são "*Missionários*". Associados continuamente ao projeto introduzido pela CT e concretizado nas Constituições, partindo do serem "*caríssimos*", vão surgindo gradativamente suas identidades de "*irmãos*", unidos pelos laços mais estreitos, os laços de família; uma identidade que leva, de forma aparentemente paradoxal, a que seus anônimos voltem a ser simplesmente "*membros*" do pio Sodalício à qual deram (perdendo-o, neste dom?) o seu nome.

Nem é preciso dizer que esse desaparecimento é realização, não fracasso, plena realização, não desaparecimento: como as árvores exuberantes se tornam húmus anônimo na floresta, para a vida de outras árvores; é o "*cupio dissolvi et esse cum Christo*" de São Paulo, pelo qual devemos lutar.

Esta evolução na identificação dos leitores indica um caminho estranho à primeira vista, mas que depois se revela absolutamente lógica. É uma questão de superação (si é chamado a superar), na vida como Xaverianos, a própria visão de ser missionários, para se identificar com a do carisma, para se tornarem filhos e irmãos do Fundador. Deus, que assume por meio da Família Xaveriana, a boa vontade de quem lhe dá o nome, santifica-os por meio de sua entrega a Ele naquela família, naquela vi (d) a.

Voltando-se para os destinatários implícitos, é fácil ver como toda a CT se torne uma exortação urgente, uma projeção de identidade, Elias que

joga o seu manto sobre Eliseu. Eliseu poderá continuar a missão de Elias se o "ver", se for capaz de reconhecer nele "*meu Pai*, carro de Israel e seu guia".

No entanto, é marcante o jogo de significados entre "irmãos" e "Pai", relação com a qual o autor se identifica e os seus destinatários no texto.

Portanto, também no que diz respeito aos leitores, a CT opera, convida a operar, um crescimento: não importará muito qual será a situação real dos "membros presentes e futuros" da Pia Sociedade, quando estiverem para dar a ela o nome deles. O seu percurso espiritual terá importância: o sacrifício da sua maneira de ver, planejar, realizar a Missão, para entrar na nova família onde tudo assumirá novas formas (como o cumprimento do voto de virgindade de Maria na nova forma assumida quando ela entrou no projeto que Deus havia preparado para ela), a ponto de se tornarem holocausto, pó e cinzas, participando da ressurreição e glorificação de Cristo.

Também seria necessário ver em detalhes como, a partir da análise narratológica, o conteúdo da CT contribui para estabelecer a identidade dos *parceiros* de comunicação e o tema de sua relação. Mas, por enquanto, uma degustação curta e limitada, neste contexto, talvez seja o suficiente.

Ressonâncias bíblicas no texto da Carta Testamento de São Guido M. Conforti

Em 1908, São Guido Maria, já Arcebispo, escreveu⁵ nas suas intenções: “Vou tomar os meus ensinamentos, para não errar, das fontes puras da Sagrada Escritura, e da tradição cristã, dos ensinamentos da Igreja e dos o magistério sempre vivo do Pastor supremo”... .

E uma testemunha confirma: “Dom Conforti amou as Escrituras acima de todos os livros deste mundo, ele a lia com frequência e ficamos muito surpresos com essa insistência em querer ter a Bíblia consigo e em observar que ele realmente a lia, a meditava, a citava em seus discursos e sempre a

⁵ À P. Guglielmo Camera, com gratidão e admiração.

recomendou em todas as circunstâncias. Às vezes, quando precisava ir chamá-lo em seu quarto, o encontrava lendo a Sagrada Escritura”.⁶.

É, pois, legítimo supor que o que Conforti lia passou assiduamente pelo seu pensamento, informando-o, e nos seus escritos. E, portanto, é lógico buscar a presença do texto bíblico também na CT, seguindo de forma muito empírica um método de análise que leva o nome de intertextualidade.

Intertextualidade

A busca pela presença de outros textos em um determinado texto, por um lado, evidencia a "espessura" da tradição nele presente, a partir do simples fato de escolher uma língua para escrever; por outro lado, sinaliza a vontade do autor, explícita e consciente e de alguma forma vivida sem seu conhecimento, de se conectar a contextos que enquadram o significado do que ele deseja comunicar.

No caso da tradição cristã, vivida sob as asas do Espírito Santo, a intertextualidade ajuda a apreender a "contemporaneidade" do que foi escrito depois com o que foi escrito antes, sua participação comum na mesma inspiração, no mesmo mundo espiritual criado pela presença e intenção de Cristo.

A presença da Bíblia na CT, assim como em outros textos, conhece uma série de níveis, do menos ao mais explícito:

- a) *reminiscências* (referências vagas, mesmo inconscientes, pouco perceptíveis e talvez mais pelos leitores do que pelo autor, mas ainda objetivamente verificáveis),
- b) *ícones* (não estritamente citações, mas representações de experiências, momentos ou imagens),
- c) *referências* (destacadas por palavras-chave, que lembram o texto bíblico com certeza, de forma semelhante às paráfrases), para alcançar as

⁶ Os dois textos são citados em: Guglielmo Camera, ed., *Suggerimenti e pensieri del Beato Guido M. Conforti per i fedeli delle sue Diocesi e per i suoi figli missionari*, Brescia, CSAM, 2006, p. 112.

d) *citações* (reconhecíveis pela presença de uma sequência de palavras pertencentes apenas ao texto bíblico) *introduzidas ou não de forma formal*.

Podemos acompanhar o texto da CT em seu desenvolvimento, destacando as referências bíblicas feitas por São Guido Maria.

CT 1

"A Suprema autoridade ... "

Aqui podemos ver um eco do que Jesus disse: "Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra" (Mt 28, 18).

"E ao convidar-vos para nos alegrarmos e agradecermos ao Senhor..."

As referências bíblicas possíveis para esta passagem são numerosas. Por todas podemos citar: "Este é o dia que o Senhor fez: alegremo-nos e exaltemo-nos!" (Sal 118, 24); "Engrandece o Senhor comigo, exaltemos o seu nome juntos" (Sal 34, 4); e o Magnificat: "A minha alma engrandece ao Senhor e o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador" (Lc 1, 46).

"O compromisso grave e solene que acabamos de assumir..."

A frase ecoa as muitas ocasiões em que a aliança de Deus (*testamentum*) com Israel é estipulada e renovada no Antigo Testamento. Pode-se citar a assembleia do povo no tempo de Esdras: "Foi feita a cada dia uma leitura da Lei de Deus, desde o primeiro dia da festa até o último. Celebraram a festa durante sete dias e, no oitavo dia, houve uma assembleia solene para encerramento, segundo prescrevia o rito." (Ne 8, 18).

"trabalhando com ardor sempre crescente na propagação do Evangelho em terras infiéis..."

Aqui encontramos ecos de Paulo e de seu carisma missionário *ad gentes*: "Mas, pela graça de Deus, sou o que sou, e a graça que ele me deu não tem sido inútil. Ao contrário, tenho trabalhado mais do que todos eles; não eu, mas a graça de Deus que está comigo." (1 Cor 15, 10); "Se, em parte, vos escrevi com particular liberdade, foi para lembrar-vos. E o fiz em virtude da graça que me foi dada por Deus, de ser o ministro de Jesus Cristo entre os pagãos, exercendo a função sagrada do Evangelho de Deus. E isso para que os pagãos, santificados pelo Espírito Santo, lhe sejam uma oferta agradável." (Rm 15,

15-16); "Consciente de não tê-la ainda conquistado, só procuro isto: prescindindo do passado e atirando-me ao que resta para frente, persigo o alvo, rumo ao prêmio celeste, ao qual Deus nos chama, em Jesus Cristo.". (Fl 3, 13-14). O *ardor*, porém, pode referir-se à pergunta dos discípulos de Emaús: "Não arderam os nossos corações (οὐχὶ κ καρδία ἡμῶν καιομένη ἦν ἐν ἡμῖν) enquanto ele conversava conosco ao longo do caminho, quando explicou as Escrituras a nós?" (Lc 24, 32); e também, talvez, "Não relaxeis o vosso zelo. Sede fervorosos de espírito. (τῷ πνεύματι ζέοντες); servi ao Senhor.". (Rm 12, 11); e em qualquer caso ao *zelo* de que o Antigo Testamento é rico (Nm 25, 13; 1Rs 19, 14; Jt 4, 9; 9, 4; 1 Mac 2, 24; Sal 69, 10; 119, 139), dos quais Paulo fala em Rm 8, 7; 2 Cor 8, 7; 9, 2; Fil 3, 6; Tt 2, 14; Hb 6, 11) e o Ap em 3, 19: "Portanto, seja zeloso e converta-se".

"a nossa pobre contribuição..."

Paulo ainda: "Nós somos operários com Deus. Vós, o campo de Deus, o edifício de Deus.". (1 Cor 3, 9); e "Não porque pretendamos dominar sobre a vossa fé. Queremos apenas contribuir para a vossa alegria, porque, quanto à fé, estais firmes.". (2 Cor 1, 24).

"a realização do vaticínio de Cristo, que deseja a formação de uma única família cristã que abrace a humanidade..."

Aqui a referência torna-se mais incerta, pois não é possível decidir com certeza onde Jesus faz uma profecia, também porque Conforti fala de esperança, de desejo, portanto, de oração, também no que diz respeito à formação de uma "família". Duas passagens podem ser citadas. A primeira, que soa como uma *profecia*, de Mateus: "Por isso, eu vos declaro que multidões virão do Oriente e do Ocidente e se assentarão no Reino dos Céus com Abraão, Isaac e Jacó.". (Mt 8, 11; cf. Lc 13, 29). A segunda de João, na *oração sacerdotal*: "Não rogo somente por eles, mas também por aqueles que por sua palavra hão de crer em mim. Para que todos sejam um, assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que também eles estejam em nós e o mundo creia que tu me enviaste.". (Jo 17, 20-21). A referência ao Pai lembra a ideia de família⁷.

⁷ Dois textos Comfortianos talvez ajudem a identificar o texto bíblico de referência. O primeiro: «O Senhor, sempre preocupado com o nosso bem, faz-nos ouvir a sua voz e de muitas maneiras. Portanto, não deve ser surpresa que ele falou com

"vocação... que nos aproxima de Cristo..."

No que diz respeito à vocação, as referências bíblicas são muito numerosas; quanto à *aproximação* de Cristo, pode-se citar Paulo quando diz: "Tornai-vos os meus imitadores, como eu o sou de Cristo." (1 Cor 11, 1); "Na verdade, julgo como perda todas as coisas, em comparação com este bem supremo: o conhecimento de Jesus Cristo, meu Senhor. Por ele tudo desprezei e tenho em conta de esterco, a fim de ganhar Cristo e estar com ele. Não com minha justiça, que vem da Lei, mas com a justiça que se obtém pela fé em Cristo, a justiça que vem de Deus pela fé." (Fl 3, 8-9). Hb 13, 18-24 também pode ser citado: "Porque não te aproximaste de algo tangível ... Tu, por outro lado, te aproximaste do Monte Sião, a cidade do Deus vivo, da Jerusalém celeste e de milhares de anjos, a reunião festiva e a assembleia dos primogênitos cujos nomes estão escritos no céu, a Deus juiz de todos e aos espíritos dos justos aperfeiçoados, a Jesus, mediador da nova aliança, e ao sangue purificador, que é mais eloquente do que o de Abel".

familiaridade com seus santos, como um pai amoroso com seus próprios filhos" em «La voce di Dio all'anima», da Vita Nostra a. X, 1927, 37, Pagine Confortiane 1434. O segundo: «E o Missionário é o mais belo símbolo, o mais convicto e ardente apóstolo desta fraternidade universal, para a qual a humanidade tende instintivamente e pela força dos acontecimentos, cooperando quase inconscientemente na concretização do grandioso desígnio de Cristo, que previu que de todos os homens apenas uma família, um redil e um pastor terá de ser formada "(22º Discurso ai Partenti, Parma, 27 de setembro de 1931, Pagine Confortiane 1063). As referências são, portanto, ao discurso de Jesus na Última Ceia e à figura do Pastor em Jo 10. Conforti integra a imagem de Jesus com a visão da família. Além disso, no NT o termo "família" é usado quase sempre em referência à família de sangue. Uma exceção é constituída por Mt 10,25: "Basta ao discípulo ser tratado como seu mestre, e ao servidor como seu patrão. Se chamaram de Beelzebul ao pai de família, quanto mais o farão às pessoas de sua casa! (τοῦοἰκιακοῦς αὐτοῦ)!" Mais frequentemente falamos de "casa", termo que aparece, logicamente, muitas vezes no NT. Pode-se citar 1 Tm 3,15: "Todavia, se eu tardar, quero que saibas como debes portar-te na casa de Deus, que é a Igreja de Deus vivo, coluna e sustentáculo da verdade", e Hb 3, 6: "Cristo, porém, o foi como Filho à frente de sua própria casa. E sua casa somos nós, contanto que permaneçamos firmes, até o fim, professando intrepidamente a nossa fé e ufanos da esperança que nos pertence."

"autor e consumidor da nossa fé..."

Conforti aqui faz uma citação implícita, não introduzida por uma fórmula técnica, de Hb 12, 2 segundo a versão clássica, próxima do latim (*aspicientes in ducem fidei et consummatorem Iesum*). A tradução da CEI 2008 é: "Corramos com perseverança na corrida que temos pela frente, mantendo o olhar fixo em Jesus, Aquele que dá origem à fé e a realiza".

"e dos Apóstolos, que, tendo abandonado tudo, entregaram-se inteiramente, sem reserva alguma, ao seguimento Dele..."

Conforti apresenta o que considero seja uma, senão "a" ícone-chave da vocação Xaveriana, uma ícone que retoma nos textos de Mc 1, 17-20 ("E chamou-os logo... no mesmo instante, deixaram as redes e seguiram-no...") e de 3, 13-15: "Depois, subiu ao monte e chamou os que ele quis. E foram a ele. Designou doze dentre eles para ficar em sua companhia. Ele os enviaria a pregar, com o poder de expulsar os demônios.". Toda a vida do Xaveriano se configura neste duplo e único movimento de encontro com Cristo através da chamada, o estar com Ele e ser enviado.

"os nossos melhores mestres..."

O Senhor se autodenomina o único mestre (Mt 23, 10), de quem aprender com (Mt 11, 29), na verdade, aprender (Ef 4, 20: "Vós, porém, não foi para isto que vos tornastes discípulos de Cristo", ὑμεῖς δὲ οὐχ οὕτως ἐμάθετε τὸν Χριστόν). No entanto, Paulo se propõe como exemplo a ser imitado, aquele que imita Cristo (1Cor 11, 1; cf. 2Ts 3, 7: "Sabeis perfeitamente o que deveis fazer para nos imitar. Não temos vivido entre vós desregradamente...". E, ainda mais do que um mestre, ele se autodenomina "pai": "Com efeito, ainda que tivésseis dez mil mestres em Cristo, não tendes muitos pais; ora, fui eu que vos gerei em Cristo Jesus pelo Evangelho.". (1 Cor 4, 15). Isso mostra, como ensina o Conforti, que os verdadeiros livros na qual devemos aprender são as pessoas: a tradição viva da Igreja, a comunhão dos santos, é a escola dos cristãos e dos missionários.

"O Senhor não poderia ter sido mais bondoso para conosco!..."

É uma afirmação ousada, que quase coloca limites à onipotência divina. Do lado positivo, porém, Paulo afirma que Deus não poupou seu Filho Único (Rm

8, 32), e Pedro acrescenta que "O poder divino deu-nos tudo o que contribui para a vida e a piedade, fazendo-nos conhecer aquele que nos chamou por sua glória e sua virtude. Por elas, temos entrado na posse das maiores e mais preciosas promessas, a fim de tornar-vos por esse meio participantes da natureza divina, subtraindo-vos à corrupção que a concupiscência gerou no mundo." (2 Pd 1, 3-4). Em Cristo, então, "todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos" (Colossenses 2, 3), e "é nele que toda a plenitude da divindade habita corporalmente" (Colossenses 2, 9). A ligação com a vocação apostólica, porém, é uma intuição de Conforti, uma inferência a partir da escolha do tipo de vida que Cristo escolheu para si (CT 2).

CT2

"Os votos religiosos são laços santos..."

Em geral, as correntes são consideradas negativamente no AT. As exceções são duas passagens de Eclesiástico, onde fala das correntes da sabedoria (Ecl 6, 25: "Mete os teus pés nos seus grilhões, e teu pescoço em suas correntes."; Ecl 6, 29: "Seus grilhões serão uma proteção, um firme apoio; suas correntes te serão um adorno glorioso;"), e o que Paulo diz sobre si mesmo, acorrentado (d)ao Espírito (δεδεμένως τῷ πνεύματι, Atos 20, 22) e um prisioneiro do Senhor (Ef 3, 1), em correntes (Col 4, 18).

"que nos prendem ainda mais ao serviço divino..."

O tema do serviço a Deus perpassa toda a Escritura. Para o NT pode-se pensar em Paulo, que se autodenomina servo de Cristo: "É, porventura, o favor dos homens que eu procuro, ou o de Deus? Por acaso tenho interesse em agradar aos homens? Se quisesse ainda agradar aos homens, não seria servo de Cristo!". (Gal 1, 10) e exorta os discípulos a fazerem o mesmo: "Por alto preço fostes comprados, não vos torneis escravos de homens.". (1 Coríntios 7, 23). Pode-se pensar também em Jo 15,15: "Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz seu senhor. Mas chamei-vos amigos, pois vos dei a conhecer tudo quanto ouvi de meu Pai."

"são uma emancipação total do Demônio, do mundo e da carne..."

Pode-se pensar nos milagres da libertação do diabo nos Evangelhos, na escolha dos discípulos do mundo em Jo 15, 19, na almejada libertação do

corpo da morte em Rm 7, 25, na crucificação da carne com suas paixões em Gal 5, 24.

"são uma aspiração contínua a coisas cada vez melhores..."

O texto ecoa 1Cor 12, 31 (*Aemulamini autem charismata maiora*), bem como Fl 3, 13-14: "Consciente de não tê-la ainda conquistado, só procuro isto: prescindindo do passado e atirando-me ao que resta para a frente, persigo o alvo, rumo ao prêmio celeste, ao qual Deus nos chama, em Jesus Cristo.", e 1Cor 9, 27: "Ao contrário, castigo o meu corpo e o mantenho em servidão, de medo de vir eu mesmo a ser excluí-do depois de eu ter pre-gado aos outros."

"equivalente a um segundo Batismo, porque o início de uma nova vida..."

Mediado por São Tomás, o tema dos votos está ligado ao que diz Paulo do Batismo em Rm 6, 4: "Fomos, pois, sepultados com ele na sua morte pelo batismo para que, como Cristo ressurgiu dos mortos pela glória do Pai, assim nós também vivamos uma vida nova".

CT3

"o Maligno não deixa de procurar afastar..."

Entre as muitas passagens que falam do diabo e das suas conspirações, vem à mente o texto de 1Pd 5, 8: "Sede sóbrios e vigiai. Vosso adversário, o demônio, anda ao redor de vós como o leão que ruge, buscando a quem devorar."

"Mas nós, conscientes da admoestação do Espírito Santo para nos preparar para a tentação, ao iniciarmos para o serviço divino..."

Conforti cita literalmente Ecl 2,1: "Meu filho, se entrares para o serviço de Deus, permanece firme na justiça e no temor, e prepara a tua alma para a provação". Observe que São Guido Maria atribui aqui a munção ao inspirador, o Espírito, e não ao inspirado, o autor bíblico.

"recorremos a Deus com oração..."

Jesus diz: "Esta espécie de demônios não se pode expulsar senão pela oração". (Mc 9, 29); e: "Vigiai e orai, para que não entreis em tentação."

"lembrando a nossa mente as palavras do Apóstolo, as quais deverão afastar de nós toda a incerteza: "Que cada um permaneça naquela vocação, para a qual foi chamado" (1Cor. VII,20)...."

Conforti aplica um texto à escolha dos votos que serve a Paulo no contexto das instruções sobre se casar ou não. Na exortação há também um eco do que diz Santo Inácio nos Exercícios Espirituais, exortando a não tomar decisões precipitadas em tempos de desolação⁸.

Mesmo a *lembrança* tem um rico pano de fundo bíblico, no AT (por exemplo, em Deuteronômio, os discursos de Moisés, e Lam 3, 21: "Eis, porém, o que vou tomar a peito para recuperar a esperança."), e no NT, por exemplo: "Lembrai-vos dos dias de outrora, logo que fostes iluminados. Quão longas e dolorosas lutas sustentastes" (Hb 10, 32).

"alcançar o prêmio reservado a quem colocou a mão no arado sem voltar para traz..."

Conforti alude a Lc 9, 62, mas elabora o texto para poder destacar o prêmio, enquanto Jesus usa a imagem para identificar quem é "idóneo ao Reino de Deus".

"o cêntuplo que Cristo prometeu em particular aos Apóstolos..."

A ideia do prêmio é confirmada na outra alusão bíblica, onde fala do cêntuplo, Mc 10, 29-30: "Respondeu-lhe Jesus: "Em verdade vos digo: ninguém há que tenha deixado casa ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou filhos, ou terras por causa de mim e por causa do Evangelho que não receba, já neste século, cem vezes mais casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e terras, com perseguições – e no século vindouro a vida eterna".

⁸ «1) A quinta regra. Em tempos de desolação, nunca se deve fazer uma mudança, mas permanecer firme e constante nos propósitos e na determinação em que se estava no dia anterior à desolação, ou na determinação em que se estava na consolação anterior. 2). Na verdade, assim como o bom espírito nos orienta e nos aconselha mais no consolo, também na desolação os maus, com cujos conselhos não podemos seguir o caminho certo. ». *Esercizi Spirituali di S. Ignazio di Loyola. Traduzione, note e lessico a cura del Centro Ignaziano di Spiritualità (Italia), 318.*

"que são atraídos pela sugestão do Maligno..."

Tiago fala da sedução da concupiscência: "Cada um é tentado pela sua própria concupiscência, que o atrai e alicia.". (Tg 1,14), enquanto Paulo fala do poder da lei do pecado, que se exerce a partir da presença do pecado nos membros, como um marido violento com quem a mulher se tornou "uma só carne" (Rm 7, 1-2, 23). Pode-se pensar em Eva: "A serpente me enganou e eu comi" (Gn 3, 13).

"não se encontrarão por isso mais felizes no momento da morte..."

Mais uma vez, eco de Ben Sira: "É fácil para o Senhor no dia da morte retribuir ao homem segundo a sua conduta... com a morte de um homem suas obras são reveladas. Antes do fim, não chame ninguém de bem-aventurado". (Ecl 11, 6.27-28).

CT4

"Amemos a pobreza, que é a primeira renúncia que Cristo exige daqueles que querem ser perfeitos..."

O nosso pensamento dirige-se ao diálogo de Jesus com o jovem rico (Mt 19, 21), mesmo que seja Jesus quem fala da perfeição.

"que se propõem segui-lo de perto..."

Retorna o texto de Lucas, os diálogos de Jesus com três pessoas que queriam segui-lo: "Deixa que os mortos enterrem seus mortos; tu, porém, vai e anuncia o Reino de Deus". (Lc 9, 57-62).

"Ele quer reinar sozinho em seus corações..."

Jesus afirma que não se pode servir a Deus e a riqueza (Mt 6, 24) e se autodenomina Rei (Mt 25, 34) na parábola do juízo final. Sua realeza também é uma das controvérsias de sua paixão, primeiro na acusação dos judeus, depois na pergunta de Pilatos e, finalmente, em sua objeção à escrita em sua cabeça. O tempo presente então é o tempo em que Jesus reina, até que tenha colocado todos os seus inimigos sob seus pés (1Cor 15, 26), e, de acordo com as palavras do arcanjo Gabriel a Maria, "seu reino não vai tem fim"(Lc 1, 33).

"a separação afetiva e efetiva..."

Em 1Cor 7, 29-31, Paulo diz: "Mas eis o que vos digo, irmãos: o tempo é breve. O que importa é que os que têm mulher vivam como se a não tivessem; os que choram, como se não chorassem; os que se alegram, como se não se alegrassem; os que compram, como se não possuíssem; os que usam deste mundo, como se dele não usassem. Porque a figura deste mundo passa."

"É por isso que Ele ia repetindo: "Aquele que não renuncia a tudo o que possui não pode ser meu discípulo" ..."

Conforti cita um texto presente apenas em Lc 14,33: Jesus usa os dois exemplos do construtor da torre e do rei que vai à guerra para nos convidar a avaliar se estamos dispostos a abandonar tudo para segui-lo.

"e aos seus Apóstolos inculcava que não possuíssem mais do que uma túnica, que não levassem dinheiro nos bolsos..."

Sobre este tema Jesus fala aos Apóstolos ao enviá-los (é a primeira missão, a missão pré-pascal, o primeiro lugar na formação da tradição sobre Jesus), em Mt 10, 9-10, Mc 6, 8-9 ; Lc 9, 3. Mas ele também fala disso se dirigindo a todos os discípulos, no Sermão da Montanha, como fica explícito na seguinte referência:

"e não se preocupassem com o necessário para viver..."

Conforti considera também as palavras de Jesus a todos os discípulos dirigidas aos Apóstolos: "Portanto, eis que vos digo: não vos preocupeis por vossa vida, pelo que comereis, nem por vosso corpo, pelo que vestireis. A vida não é mais do que o alimento e o corpo não é mais que as vestes?". (Mt 6, 25).

"porque nada teria faltado àqueles que abandonaram tudo para segui-lo..."

Conforti aqui se refere às palavras de Jesus dirigidas aos Apóstolos durante a Última Ceia: "Depois ajuntou: "Quando vos mandei sem bolsa, sem mochila e sem calçado, faltou-vos porventura alguma coisa?". Eles responderam: "Nada".". (Lc 22,35). Conforti está muito atento a todas as passagens bíblicas em que se fala da vocação apostólica.

"Assim seja conosco: "tendo o que comer e vestir", diremos com o Apóstolo, "contentemo-nos com isso" (1Tm VI,8)...."

Conforti relaciona os textos bíblicos com grande rigor lógico, citando-os com propriedade a respeito de seu contexto. Leia 1Tm 6, 5-11, onde Paulo condena aqueles que veem a religião como uma fonte de renda⁹.

"pobreza evangélica, do qual deveríamos andar felizes por amor a Cristo, mesmo quando de fato nos custasse sofrimentos, dificuldades e humilhações..."

No pano de fundo desta passagem, há alguns textos: "Eles saíram da sala do Grande Conselho, cheios de alegria, por terem sido achados dignos de sofrer afrontas pelo nome de Jesus." (Atos 5, 41); "Somos julgados tristes, nós que estamos sempre contentes; indigentes, porém enriquecendo a muitos; sem posses, nós que tudo possuímos!" (2 Cor 6, 10); "Agora me alegro nos sofrimentos suportados por vós. O que falta às tribulações de Cristo, completo na minha carne, por seu corpo que é a Igreja.". (Col 1, 24); "Pelo que tudo suporto por amor dos escolhidos, para que também eles consigam a salvação em Jesus Cristo, com a glória eterna.". (2Tm 2, 10).

"a pobreza que nos libertará de qualquer apego à terra..."

Pode-se citar algumas frases de Paulo, por exemplo: "Quisera ver-vos livres de toda preocupação. O solteiro cuida das coisas que são do Senhor, de como agradar ao Senhor. O casado preocupa-se com as coisas do mundo, procurando agradar à sua esposa. A mesma diferença existe com a mulher solteira ou a virgem. Aquela que não é casada cuida das coisas do Senhor, para ser santa no corpo e no espírito; mas a casada cuida das coisas do mundo, procurando agradar ao marido." (1Cor 7, 32-34); ou: "É para que sejamos

⁹ Um comentário semelhante está presente no Maximum Illud, onde o Papa Bento XV deplora o Missionário que busca "outros ganhos que não os das almas". No parágrafo aparece a mesma citação bíblica, com o acréscimo da menção do exemplo de Paulo: "O bom pregador do Evangelho, por outro lado, deve também imitar com precisão nisto o Apóstolo dos gentios, que não só disse a Timóteo : "Quando temos o que comer e o que nos cobrir, contentemo-nos com isso", mas levou em consideração o desinteresse que, mesmo em meio a tantas atividades de seu ministério, obtinha seu alimento com o obra de suas mãos". Máximum Illud n. 21.

homens livres que Cristo nos libertou. Ficai, portanto, firmes e não vos submetais outra vez ao jugo da escravidão." (Gl 5, 1).

"certos de alcançar o Reino dos céus prometido de preferência aos pobres em espírito..."

Conforti refere-se à primeira bem-aventurança (Mt 5, 3); mas também diz "de preferência", voltando àquele "mais" subjacente a toda a CT, que biblicamente ecoa a escolha divina de seu povo e dos chamados, a que responde a "*Plura Domine*" de São Francisco Xavier, e o desejo de Paulo de salvar alguém a qualquer custo (1Cor 9,19-23), o seu amar "mais" (2Cor 12,15: "De muito boa vontade darei o que é meu, e me darei a mim mesmo pelas vossas almas, ainda que, amando-vos mais, seja menos amado por vós.").

"se despojaram de tudo..."

Paulo recorda a sua renúncia a tudo o que poderia ter sido uma vantagem para ele, para chegar a Cristo: "Na verdade, julgo como perda todas as coisas, em comparação com este bem supremo: o conhecimento de Jesus Cristo, meu Senhor. Por ele tudo desprezei e tenho em conta de esterco, a fim de ganhar Cristo" (Fl 3, 8). Ele recorda a renúncia aos seus direitos para ganhar alguém a qualquer custo ("Embora livre de sujeição de qualquer pessoa, eu me fiz servo de todos para ganhar o maior número possível." 1 Cor 9, 19). Tudo isto ecoa o aniquilamento de Cristo que "mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo" (Fl 2, 7), que "sendo rico, se fez pobre por vós, a fim de vos enriquecer por sua pobreza" (2 Cor 8, 9).

CT5

"semelhantes aos Anjos..."

Provavelmente aqui está a referência a Mc 12,25: "Na ressurreição dos mortos, os homens não tomarão mulheres, nem as mulheres, maridos, mas serão como os anjos nos céus." (cf. Mt 22, 30). Aqui vemos como Conforti lê o texto bíblico com grande atenção, destacando as riquezas doutrinárias que lhe são inerentes. Também se pode acrescentar Mt 18, 10: "Guardai-vos de menosprezar um só destes pequenos, porque eu vos digo que seus anjos no céu contemplam sem cessar a face de meu Pai que está nos céus".

"objeto das complacências divinas..."

Existem muitas referências possíveis à complacência divina. Abundam as referências à complacência divina para com os justos e santos: "Os homens de coração perverso são odiosos ao Senhor; os de conduta íntegra são objeto de seus favores." (Pro 11, 20, cf. Pro 12, 22). Também existem textos que acompanham o tema de satisfação indicando a escolha de Deus, uma escolha cheia de bondade, uma escolha que traz o bem. Em referência a Cristo: "Eis o meu Filho muito amado, em quem pus toda a minha afeição (ἐν ᾧ εὐδόκησα). Ouvi-o" (Mt 17, 5); no que se refere à vocação: "Mas quando Deus, que me escolheu desde o ventre de minha mãe e me chamou com a sua graça, agradou (εὐδόκησεν) revelar o seu Filho em mim para que eu o anunciasse entre as nações" (Gl 1, 15-16); com referência a toda inspiração interior: É Deus quem desperta em vós a vontade e a obra segundo o seu desígnio de amor (ὑπὲρ τῆς εὐδοκίας). É possível que Conforti pense no fato tradicional: Jesus amou de maneira particular o discípulo que não era casado, amado porque era virgem.

"Ai de nós se não soubermos cuidar dessa joia preciosa, jogando-a miseravelmente fora..."

Quanto aos "ai de nós", existem muitos textos bíblicos possíveis. Do Antigo Testamento podemos citar Am 6, 1: "Ai daqueles que vivem comodamente em Sião, e daqueles que vivem tranquilos no monte da Samaria". E também talvez Is 5, 18: "Ai daqueles que arrastam a correção com as cordas da indisciplina, e a pena do pecado como com os tirantes de um carro". No NT, além das muitas vezes em que Jesus pronuncia esta palavra (por exemplo, Mt 18, 7: "'Ai do mundo por causa dos escândalos! Eles são inevitáveis, mas ai do homem que os causa!"; Cf. Mt 23, 13-29; Lc 6, 24-26), podemos citar Ap 18, 10: "Parados ao longe, de medo de seus tormentos, eles dirão: 'Ai, ai da grande cidade, Babilônia, cidade poderosa! Bastou um momento para tua execução!'. "...cuidar dessa joia preciosa, jogando-a miseravelmente fora" refere-se com certeza a Mt 7, 6: "Não lanceis aos cães as coisas santas, não atireis aos porcos as vossas pérolas, para que não as calquem com os seus pés, e, voltando-se contra vós, vos despedacem.". A pérola, por sua vez, remete à parábola do comerciante: "Encontrando uma de grande valor, vai, vende tudo o que possui e a compra."(Mt 13, 46).

"perderíamos toda graça na presença de Deus e dos Anjos..."

O tema de encontrar graça frequentemente é recorrente no Antigo Testamento, começando com Noé (Gn 6, 8). No NT encontramos as palavras do Arcanjo Gabriel: "Não temas, Maria, porque achaste graça diante de Deus" (Lc 1, 30). "Encontrar a graça com Deus" é um prelúdio para uma missão. Portanto, talvez mesmo em "perder toda a graça" possa haver uma referência à missão, como Conforti explica a seguir. "Na presença de Deus e dos anjos" encontra uma confirmação em 1Tm 5, 21: "Eu te conjuro, diante de Deus e de Cristo Jesus e dos anjos escolhidos, a que guardes essas regras sem prevenção, nada fazendo por espírito de parcialidade.". Também se pode citar Mc 8, 38: "Porque, se nesta geração adúltera e pecadora alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai com os seus santos anjos". E também Ap 14, 9-10: "Um terceiro anjo seguiu-os, dizendo em alta voz: "Se alguém adorar a Fera e a sua imagem, e aceitar o seu sinal na fronte ou na mão, há de beber também o vinho da cólera divina, o vinho puro deitado no cálice da sua ira. Será atormentado pelo fogo e pelo enxofre diante dos seus santos anjos e do Cordeiro".

"quão precioso é esse tesouro inestimável..."

Uma frase bíblica para todas: "Como é preciosa a vossa bondade, ó Deus! À sombra de vossas asas se refugiam os filhos dos homens". (Sl 35,8).

"como é frágil o vaso que o contém..."

Paulo diz, a respeito do seu ministério apostólico: "Porém, temos este tesouro em vasos de barro, para que transpareça claramente que este poder extraordinário provém de Deus e não de nós." (2Cor 4, 7). Mais uma vez, partindo do contexto das citações de referência, na mente de Conforti, castidade e vocação, castidade e ministério missionário parecem estar intimamente ligados, interdependentes. Como aparece em 1Tm 1, 5: "Essa recomendação só visa a estabelecer a caridade, nascida de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sincera.", e em 2Tm 2, 21: "Quem, portanto, se conservar puro e isento dessas doutrinas, será um utensílio nobre, santificado, útil ao seu possuidor, preparado para todo uso benéfico."

"nos manter puros..."

Sl 118, 9: "Como um jovem manterá pura a sua vida? Sendo fiel às vossas palavras.". 1 Tm 5, 22: "A ninguém imponhas as mãos inconsideradamente, para que não venhas a tornar-te cúmplice dos pecados alheios. Conserva-te puro".

"nesta carne pecaminosa..."

Conforti entra com esta frase, e com as que se seguem, no mundo do pensamento paulino, em particular nos capítulos 3, 7 e 8, e quase em todo o lado na primeira parte da Carta aos Romanos. Veja em particular: "Sabemos que o nosso velho homem foi crucificado com ele, para que seja reduzido à impotência o corpo outrora subjugado ao pecado, e já não sejamos escravos do pecado." (Rm 6, 6). E em particular Rm 8, 3: "O que era impossível à Lei, visto que a carne a tornava impotente, Deus o fez. Enviando, por causa do pecado, o seu próprio Filho numa carne semelhante à do pecado, condenou o pecado na carne".

"sempre rebelde ao espírito..."

No AT a qualificação de rebelde às vezes é atribuída às meninas (Eclesiástico 42, 11: "Exerce severa vigilância sobre uma filha libertina, para que ela te não exponha aos insultos dos teus inimigos, e te torne o assunto de troça da cidade, o objeto de mofa pública, e te desonre aos olhos de toda a população."), e daqui para Israel e Judá, visto como dois infieis (Jr 3, 6: "No tempo do rei Josias, disse-me o Senhor: "Viste o que fez Israel, a Revoltada? Andou pelas montanhas altaneiras e sob as árvores verdejantes, para entregar-se à prostituição."), à cidade "rebelde e impura" (Sof 3, 1; cf. Esd 4, 12.15). No NT, Rm 8, 6-8 é citado: "Ora, a aspiração da carne é a morte, enquanto a aspiração do espírito é a vida e a paz. Porque o desejo da carne é hostil a Deus, pois a carne não se submete à Lei de Deus, e nem o pode. Os que vivem segundo a carne não podem agradar a Deus".

"neste mundo corrupto e corruptor..."

O significado negativo de "mundo" é frequentemente encontrado no Evangelho de João. No fundo desta frase podemos encontrar, entre outros, pelo menos dois textos: "Fazei todas as coisas sem murmurações nem críticas, a fim de serdes irrepreensíveis e inocentes, filhos de Deus íntegros no meio de uma sociedade depravada e maliciosa, onde brilhais como luzeiros no mundo,

a ostentar a palavra da vida. Dessa forma, no dia de Cristo, sentirei alegria em não ter corrido em vão, em não ter trabalhado em vão.". (Fl 2, 14-16), e "Por elas, temos entrado na posse das maiores e mais preciosas promessas, a fim de tornar-vos por esse meio participantes da natureza divina, subtraindo-vos à corrupção que a concupiscência gerou no mundo".

"Evitamos a ociosidade..."

Textos de sabedoria sobre o preguiçoso vêm à mente, por exemplo, entre muitos: Provérbios 6, 9: "Até quando, ó preguiçoso, dormirás? Quando te levantarás de teu sono?"; Pro 10, 4: "A mão preguiçosa causa a indigência; a mão diligente se enriquece."; Pro 10, 26: "Como o vinagre nos dentes e a fumaça nos olhos, assim é o preguiçoso para os que o mandam." Provérbios 19, 24: "O preguiçoso põe sua mão no prato e nem sequer a leva à boca."; Pro 26, 13: "Há um leão no caminho – diz o preguiçoso –, um leão na estrada!"; Pro 26, 14: "A porta gira sobre seus gonzos: assim o preguiçoso no seu leito".

"as ocasiões perigosas, a familiaridade com pessoas de outro sexo..."

Pode-se pensar, além dos textos de Provérbios (ex. Pro 7, 7-9: "Vi entre os imprudentes, entre os jovens, um adolescente incauto: passava ele na rua perto da morada de uma dessas mulheres e entrava na casa dela. Era ao anoitecer, na hora em que surge a obscuridade da noite.), também as palavras de Jesus: "Eu, porém, vos digo: todo aquele que lançar um olhar de cobiça para uma mulher já adulterou com ela em seu coração" (Mt 5, 28).

"ponderamo-nos no comer e no beber..."

Aqui também podemos ver, em marca d'água, textos sapienciais, por exemplo, o famoso texto de Provérbios 23, 29-35: "Para quem os "ah"? Para quem os "ais"? Para quem as contendas? Para quem as queixas? Para quem as feridas sem motivo? Para quem o vermelho dos olhos? Para aqueles que permanecem junto ao vinho, para aqueles que vão saborear o vinho misturado. Não consideres o vinho: "como ele é vermelho, como brilha na taça, como corre suavemente!". Mas, no fim, morde como uma serpente e pica como um basilisco! Os teus olhos verão coisas estranhas, teu coração pronunciará coisas incoerentes. Serás como um homem adormecido no fundo do mar, ou deitado no cimo dum mastro: "Feriram-me – dirás tu –, e não sinto dor!". "Bateram-me... e não sinto nada. Quando despertei eu? Quero mais ainda!"".

"no ensinamento de Cristo e no exemplo dos santos, exercitemo-nos na mortificação cristã, castigando, até mesmo afligindo este nosso corpo para reduzir a servidão..."

O ensinamento de Cristo poderia ser o de Mc 9, 29: "Esta espécie de demónios não se pode expulsar de modo algum, senão com a oração", onde a Vulgata¹⁰, lida por Conforti, acrescenta: "et ieiunio" ("e jejum"). Quanto a afligir o corpo, o pensamento dirige-se a São Paulo, 1 Cor 9, 27: "Ao contrário, castigo o meu corpo e o mantenho em servidão, de medo de vir eu mesmo a ser excluído depois de eu ter pregado aos outros.", onde, novamente, tudo está em função da evangelização.

"a humildade é o melhor guardião da castidade..."

Talvez algum texto de sabedoria possa ser citado, por exemplo: Pro 3, 34: "Se ele escarnece dos zombadores, concede a graça aos humildes."; Pro 22, 4: "O prêmio da humildade é o temor do Senhor, a riqueza, a honra e a vida."; Ecl 2,17: "Os que temem ao Senhor mantêm o coração pronto e se humilham diante dele"; Ecl 3, 20: "Porque grande é o poder do Senhor, e pelos humildes ele é glorificado".

"vêm a propósito as palavras do Eclesiástico: "Quem despreza as coisas pequenas, pouco a pouco cairá em ruína" (Ecl. XIX,1)..."

Entre as leituras do Antigo Testamento, em Conforti, notamos certo interesse maior por Eclesiástico, talvez pela sua utilidade nos ensinamentos morais.

"recorremos à oração, especialmente no momento da tentação..."

Conforti segue o ensinamento de Jesus na oração do Pai-Nosso: "Et ne nos inducas in tentationem" e o seu exemplo: "Adiantou-se um pouco e, prostrando-se com a face por terra, assim rezou: "Vigiai e orai para que não entreis em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca" (Mt 26,39,41).

"sem uma ajuda especial de Deus, que ele sempre concede aos que lhe pedem..."

Aqui ressoam as palavras de Paulo aos Coríntios: "Portanto, quem pensa estar de pé veja que não caia. Não vos sobreveio tentação alguma que ultrapassasse

¹⁰ Seguindo o P46 (ao que parece) e alguns códigos incluindo o Alexandrino, o códico de Efrem, de Beza e outros posteriores.

as forças humanas. Deus é fiel: não permitirá que sejais tentados além das vossas forças, mas com a tentação, ele vos dará os meios de suportá-la e sairdes dela" (1Cor 10, 12-13).

"como também confessou o mais sábio dos mortais, coagido pela experiência..."

Além do relato dos últimos anos de Salomão ("o mais sábio dos mortais", 1Rs 11, 1-11), talvez possamos citar aqui a oração do livro da Sabedoria, a ele atribuída: "E quem conhece vossas intenções, se vós não lhe dais a sabedoria, e se do mais alto dos céus vós não lhe enviáis vosso Espírito Santo? Assim se tornaram direitas as veredas dos que estão na terra; os homens aprenderam as coisas que vos agradam e pela sabedoria foram salvos." (Sb 9, 17-18). Isto porque "Tímidos são os pensamentos dos mortais, e incertas as nossas concepções; porque o corpo corruptível torna pesada a alma, e a morada terrestre oprime o espírito carregado de cuidados." (Sb 9, 14-15). Também se pode citar o Pro 20,9: "Quem pode dizer: 'Tenho a consciência limpa, estou puro do meu pecado?'".

CT6

"A obediência das vítimas é mais aceitável para ele (Deus) ..."

No fundo estão as palavras de Samuel a Saul: "Acaso o Senhor se compraz tanto nos holocaustos e sacrifícios como na obediência à sua voz? A obediência é melhor que o sacrifício e a submissão vale mais que a gordura dos carneiros." (1Sm 15, 22). Sl 39, 7-9 o faz eco: "Não vos comprazeis em nenhum sacrifício, em nenhuma oferenda, mas me abristes os ouvidos: não desejais holocausto nem vítima de expiação. Então, eu disse: "Eis que eu venho. No rolo do livro está escrito de mim: fazer vossa vontade, meu Deus, é o que me agrada, porque vossa Lei está no íntimo de meu coração".", e o texto de Hb 10, 10: "Foi em virtude desta vontade de Deus que temos sido santificados uma vez para sempre, pela oblação do corpo de Jesus Cristo."

"procurar a glória divina e a salvação dos irmãos..."

A Primeira Carta aos Coríntios repete de novo: "Portanto, quer comais, quer bebais ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus. Não vos torneis causa de escândalo, nem para os judeus, nem para os gentios, nem

para a Igreja de Deus. Fazei como eu: em todas as circunstâncias, procuro agradar a todos. Não busco os meus interesses próprios, mas os interesses dos outros, para que todos sejam salvos" (1 Cor 10, 31-33).

"sermos enviados para trabalhar no campo evangélico..."

O texto recorda a parábola do bom sementeiro, a do joio ("O campo é o mundo", Mt 13, 38), bem como o que Jesus diz em Jo 4, 35: "Eis que vos digo: levantai vossos olhos e vede os campos que já estão a dourar para a colheita", e o que Paulo diz de si mesmo e dos cristãos de Corinto: "eu plantei, Apolo regou, mas Deus é quem fez crescer. Assim, nem o que planta é alguma coisa nem o que rega, mas só Deus, que faz crescer. O que planta ou o que rega são iguais; cada um receberá a sua recompensa, segundo o seu trabalho. Nós somos operários com Deus. Vós, o campo de Deus, o edifício de Deus" (1 Cor 3, 6-9).

"dispostos sempre a fazer as coisas fáceis como as árduas..."

Paulo diz de si mesmo e dos apóstolos: "Em tudo nos apresentamos como ministros de Deus... na glória e na desonra, na má e na boa fama" (2Cor 6,4-10).

"deveria igualmente repetir as palavras do Evangelho: "servi inúteis sumus"..."

Conforti cita em latim Lc 17, 10.

"e considerar-se, afinal, como o último de seus confrades..."

Mc 9, 35 relata estas palavras de Jesus: "Sentando-se, chamou os Doze e disse-lhes: "Se alguém quer ser o primeiro, seja o último de todos e o servo de todos". Também nos vem à mente "Só há um Mestre e todos vocês são irmãos" de Mt 23, 8.

"qualquer tendência de cisão e de partido..."

Paulo em 1Cor 1, 10-13 enfrenta um problema semelhante: "Rogo-vos, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que todos estejais em pleno acordo e que não haja entre vós divisões. Vivi em boa harmonia, no mesmo espírito e no mesmo sentimento. Pois acerca de vós, irmãos meus, fui informado pelos que são da casa de Cloé, que há contendas entre vós. Refiro-me ao fato de entre vós se usar esta linguagem: "Eu sou discípulo de Paulo;

eu, de Apolo; eu, de Cefas; eu, de Cristo”. Então, estaria Cristo dividido? É Paulo quem foi crucificado por vós? É em nome de Paulo que fostes batizados?”.

"não cumpre a vontade de Deus, mas a própria..."

As palavras de Jesus vêm à mente no Pai Nosso ("seja feita a tua vontade assim na terra como no céu") e no Getsêmani: "Meu Pai, se é possível, afasta de mim este cálice! Todavia, não se faça o que eu quero, mas sim o que tu queres" (Mt 26, 39) e: "Meu Pai, se não é possível que este cálice passe sem que eu o beba, faça-se a tua vontade!" (Mt 26, 42).

"e não poderá pretender obter as graças e os auxílios que o Senhor oferece..."

O pano de fundo bíblico desta frase poderia ser, entre muitos outros, os seguintes textos: Ecl 10, 21 “O princípio do gosto é o temor do Senhor, o princípio da rejeição é a obstinação e o orgulho”, e 1Pd 5, 5: "Semelhantermente, vós outros que sois mais jovens, sede submissos aos anciãos. Todos, em vosso mútuo tratamento, revesti-vos de humildade; porque Deus resiste aos soberbos, mas dá a sua graça aos humildes" que cita Sl 18, 28.

"aos que buscam unicamente seu agrado e a ele se entregam com confiança filial..."

Muitos textos do Antigo Testamento nos convidam a buscar o Senhor, frase que em síntese diz o que o Senhor deseja do seu povo e de todos os homens (ex. 1Cr 16, 11; Sl 105, 4: “Buscai o Senhor e seu poder, busquem sempre o seu face ”; Sl 11, 94: " Sou teu: salva-me, porque tenho procurado os teus preceitos "). O abandono filial ao Pai é prerrogativa de Cristo: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito" (Lc 23, 46). Pedro então convida os cristãos a viverem na mesma confiança: "Humilhai-vos, pois, sob a poderosa mão de Deus, para que ele vos exalte no tempo certo, derramando sobre ele todas as vossas preocupações, porque ele cuida de vós" (1Pd 5, 6-7), mesmo nas perseguições: “Portanto, também os que sofrem segundo a vontade de Deus, entreguem a sua vida ao fiel Criador, fazendo o bem” (1 Pd 4, 19). O tema da confiança, a "confiar unicamente", parece ser um vértice da vida espiritual. Nisto os três santos se encontram. São Paulo: "Recebemos até sobre nós a sentença de morte, de modo que não confiamos em nós mesmos, mas em Deus que ressuscita os mortos" (2 Cor 1, 9); São Francisco Xavier: “Além desses

dois perigos [ser abandonado em uma ilha deserta ou ser lançado ao mar antes de chegar a Cantão; em Cantão, sendo torturado e jogado na prisão] há outros, muito maiores ... dos quais não posso deixar de citar alguns. O primeiro é deixar de confiar na misericórdia de Deus"¹¹; São Guido Maria Conforti: "Bem sei que só devo confiar naquele que dispõe de mentes e corações e pode fazer o que nós, pobres, só podemos desejar e invocar"¹². Recorde-se ainda que, ao regressar da China, no final do solene *Te Deum* na Catedral, ouviu-se a voz de Conforti a repetir, cantando sozinho: "*In te Domine speravi, non confundar in aeternum*" (Sl 70: 1: foram também as últimas palavras de São Francisco Xavier).

"um exército ordenado e compacto..."

A imagem é do Antigo Testamento: as fileiras do Senhor que saíram do Egito (Ex 13, 18), seguindo o Senhor que marcha à sua frente (Ex 13, 21). Israel é na terra o reflexo das fileiras angelicais acampadas nos céus, que brilham de alegria por ordem do Senhor dos Exércitos, seu criador (Bar 3, 34). Mas mesmo no NT, Paulo usa a imagem do combate (Ef 6, 10-17). Nas Cartas aos Tessalonicenses ele fala em manter-se nas fileiras, para formar um grupo compacto: "Pedimos-vos, porém, irmãos, corrigi os desordeiros, encorajai os tímidos, amparai os fracos e tende paciência para com todos." (τοὺς ἀτάκτους 1Ts 5, 14); "Intimamo-vos, irmãos, em no-me de nosso Senhor Jesus Cristo, que eviteis a convivência de todo irmão que leve vida ociosa e contrária à tradição que de nós tendes recebido." (ἀτάκτως περιπατοῦντος 2Ts 3, 6).

CT7

"viver a vida de fé, que deve ser a vida do justo..."

Habacuc antes, depois Paulo, afirmam que os justos vivem de sua fidelidade (Hab 2,4), esperando com perseverança a intervenção salvadora do Senhor da história. E assim como Abraão aceitou a revelação de Deus e foi justificado por aquele ato ("Abraão creu em Deus e isso lhe foi creditado como justiça", Rm 4, 3), então aqueles que acolhem a revelação de Jesus são feitos justos e santificados por meio de sua fé ("Ora, não é só para ele que está escrito que a fé lhe foi imputada em conta de justiça. É também para nós, pois a nossa fé

¹¹ Carta ao Pe. Francisco Pérez, em Malaca, 22 de outubro de 1552, 3-4.

¹² Carta ao Arcebispo Calza, 01 de fevereiro de 1929, FCT 1, 204.

deve ser-nos imputada igualmente, porque cremos naquele que dos mortos ressuscitou Jesus, nosso Senhor, o qual foi entregue por nossos pecados e ressuscitado para a nossa justificação." Rm 4, 23-25). Tiago então acrescenta que a fé se realiza nas obras: "Abraão, nosso pai, não foi justificado pelas obras, oferecendo o seu filho Isaac sobre o altar?" (Tg 2, 21), como também diz Paulo, em Gal 5, 6.

"manteremos Cristo diante dos olhos de nossa mente..."

Diz-se uma das passagens particularmente querida de São Guido: "Desse modo, cercados como estamos de tal nuvem de testemunhas, desvencilhemo-nos das cadeias do pecado. Corramos com perseverança ao combate proposto, com o olhar fixo no autor e consumidor de nossa fé, Jesus. Em vez de gozo que se lhe oferecera, ele suportou a cruz e está sentado à direita do trono de Deus" (Hb 12, 1-2).

"e ele nos acompanhará em todos os lugares..."

A formulação faz-nos pensar no relato dos discípulos de Emaús (Lc 24, 15): "Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus aproximou-se e caminhou com eles"; às últimas palavras do Evangelho de Marcos (Mc 16, 20): "Então saíram e pregaram por toda parte, enquanto o Senhor agia junto com eles e confirmava a Palavra com os sinais que a acompanhavam"; e às últimas palavras de Jesus no Evangelho de Mateus "E eis que estarei sempre convosco, até o fim do mundo".

"E em tudo nos inspiraremos nele..."

Conforti sintetiza numa formulação curta e muito densa a ação de Cristo ressuscitado em nós, por meio do seu Espírito ("inspiração"), e a nossa ação para com ele ("aceitaremos"). No NT em muitos lugares Jesus ressuscitado age e dá indicações e ordens, por meio de visões; e pelo menos em algumas passagens falamos de nossa ação para com Cristo, imitação, cf. 1 Cor 11, 1: "Tornai-vos meus imitadores, como eu o sou de Cristo". Em Atos 18,25 falamos de Apolo: "Este havia sido instruído no caminho do Senhor e, com alma inspirada, falava e ensinava com exatidão o que se referia a Jesus, embora conhecesse apenas o batismo de João"; em Colossenses 2, 8 existem inspirações que não são de acordo com Cristo (portanto, algumas são): "Estai de sobreaviso, para que ninguém vos engane com filosofias e vãos sofismas baseados nas tradições humanas, nos rudimentos do mundo, em vez de se

apoiar em Cristo.". Gal 5, 8 também pode ser acrescentada neste sentido: "Certamente esta persuasão não vem daquele que te chama!".

"para que nossas ações exteriores sejam a manifestação da vida interior de Cristo em nós..."

Também aqui Conforti se junta a Paulo para exprimir as alturas da experiência cristã, que ele vê concretizada na forma apostólica: "Na realidade, pela fé eu morri para a Lei, a fim de viver para Deus. Estou pregado à cruz de Cristo. Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim. A minha vida presente, na carne, eu a vivo na fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim." (Gal 2, 19-20); e: "Porque estais mortos e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, vossa vida, aparecer, então também vós aparecereis com ele na glória."(Colossenses 3, 3-4), bem como "Cristo é tudo em todos" (Colossenses 3,11).

"multiplicará nossas energias..."

Isaías diz: "Quem espera no Senhor recupera as forças, veste asas como águias, corre sem se preocupar, anda sem se cansar" (Is 40,31); e Paulo: "Pela graça de Deus, porém, sou o que sou, e a sua graça em mim não foi em vão. Pelo contrário, trabalhei mais do que todos eles, mas não eu, mas a graça de Deus que está comigo" (1 Cor 15,10); "Tudo posso naquele que me fortalece" (Fp 4, 13).

"purificará nossas intenções cada vez mais..."

Tiago exorta: "Pecadores, purifiquem as mãos; homens de alma indecisa santifiquem os vossos corações" (Tg 4, 8). Paulo fala das más intenções no anúncio do Evangelho: "É verdade que alguns pregam Cristo por inveja a mim e por discórdia, mas outros o fazem com a melhor boa vontade. Estes, por caridade, sabendo que tenho por missão a defesa do Evangelho; aqueles, ao contrário, pregam Cristo por espírito de intriga, e não com reta intenção, no intuito de agravar meu sofrimento nesta prisão." (Fl 1, 15-17). Ele fala da necessária purificação inerente ao caminho da vida cristã: "De posse destas promessas, queridos, purifiquemo-nos de toda mancha da carne e do espírito, levando a santificação à perfeição no temor de Deus". (2 Cor 7, 1). E de como vive o seu ministério apostólico diz: "Mas, como Deus nos achou dignos de nos confiar o Evangelho, assim o proclamamos, não procurando agradar aos homens, mas a Deus, que prova os nossos corações" (1Ts 2, 4). E em 2Cor fala da sua atitude na pregação do Evangelho: "Não somos, de fato, como

aqueles tantos que negociam a palavra de Deus, mas com sinceridade e movidos por Deus, sob o seu olhar, falamos em Cristo” (2Cor 2, 17); “Recusamos dissimulações vergonhosas, sem nos comportar com astúcia nem falsificar a palavra de Deus, mas proclamando abertamente a verdade e apresentando-nos perante toda a consciência humana, na presença de Deus” (2 Cor 4, 2); “Pois não nos proclamamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor; quanto a nós, somos vossos servos por causa de Jesus” (2 Cor 4, 5); “Conscientes, pois, do temor do Senhor, procuramos convencer os homens” (2 Cor 5, 11). O tema da intenção na vida cristã em geral e no anúncio do Evangelho em particular reveste-se de grande importância, e Conforti sabe disso.

"nos trará alegrias e consolações inefáveis..."

O pensamento vai imediatamente para 2Cor 1, 3-5: "Bendito seja Deus, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias, Deus de toda a consolação, que nos conforta em todas as nossas tribulações, para que, pela consolação com que nós mesmos somos consolados por Deus, possamos consolar os que estão em qualquer angústia! Com efeito, à medida que em nós crescem os sofrimentos de Cristo, crescem também por Cristo as nossas consolações".

"que aliviarão o peso do apostolado..."

Jesus encoraja-nos dizendo: "O meu jugo é doce e o meu peso leve" (Mt 11, 30). Conforti aplica isso em particular à vida apostólica, que portanto aparece em seu pensamento como uma forma normal de vida cristã. Por sua vez, Paulo confia aos coríntios: "Tenho grande confiança em vós. Grande é o motivo de me gloriar de vós. Estou cheio de consolação, transbordo de gozo em todas as nossas tribulações." (2 Cor 7, 4).

CT8

"alimentar continuamente esta vida sobrenatural..."

É o que Pedro exorta a todos: "Portanto, irmãos, cuidai cada vez mais em assegurar a vossa vocação e eleição. Procedendo desse modo, não tropeçareis jamais. Assim vos será aberta largamente a entrada no Reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo." (2 Pd 1, 10-11).

"enquanto estamos nos ocupando da santificação dos outros, negligenciemos da nossa..."

Conforti aqui faz eco a Paulo que diz: "Assim, eu corro, mas não sem rumo certo. Dou golpes, mas não no ar. Ao contrário, castigo o meu corpo e o mantenho em servidão, de medo de vir eu mesmo a ser excluído depois de eu ter pregado aos outros." (1Cor 9, 26-27).

"Esfriar-se nas práticas de piedade..."

Encontramos no livro do Apocalipse as palavras dirigidas ao anjo da Igreja de Éfeso: "Tens perseverança, sofreste pelo meu nome e não desanimaste. Mas tenho contra ti que arrefeceste o teu primeiro amor. Lembra-te, pois, donde caíste. Arrepende-te e retorna às tuas primeiras obras. Senão, virei a ti e removerei o teu candelabro do seu lugar, caso não te arrependas." (Ap 2, 3-5). Paulo exorta: "Não relaxeis o vosso zelo. Sede fervorosos de espírito. Servi ao Senhor. Sede alegres na esperança, pacientes na tribulação e perseverantes na oração." (Rm 12, 11-12).

"perder o gosto das coisas celestiais..."

O Salmo convida: "Provai e vede como o Senhor é bom; bem-aventurado o homem que nele confia" (Sal 33/34, 9). Pedro lhe faz eco: "Como crianças recém-nascidas, desejai com ardor o leite espiritual que vos fará crescer para a salvação, se é que tendes saboreado quão suave é o Senhor" (1Pd 2, 2-3). A experiência de saborear as coisas de Deus é realmente necessária se você deseja levar outros a ela. "Se, portanto, ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Afeiçoai-vos às coisas lá de cima, e não às da terra." (Colossenses 3, 1-2).

"todo ânimo para o bem..."

Paulo exorta: "Não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo colheremos, se não relaxarmos." (Gal 6,9).

"toda força de resistência contra as tentações..."

Tiago, por sua vez, convida: "Sede submissos a Deus. Resisti ao demônio, e ele fugirá para longe de vós." (Tg 4, 7).

CT9

"com amor por Deus, devemos alimentar em nossos corações a caridade para nós e para os irmãos..."

Paulo fala de "aspirar à caridade" (διώκετε, "buscar" 1Cor 14, 1); e em 1Ts 4, 10 ele escreve: "Nós vos exortamos, irmãos, a progredir (no amor fraterno) ainda mais". A conexão entre os dois mandamentos é então conhecida pela resposta de Jesus ao Doutor da Lei. O tema também está presente na Primeira Carta de João, como pode ser visto a seguir.

"e sobretudo para aqueles que formam conosco uma mesma família religiosa..."

Paulo distingue duas áreas na caridade: "A respeito da caridade fraterna, não temos necessidade de vos escrever, porquanto vós mesmos aprendestes de Deus a vos amar uns aos outros." (1Ts 4, 9) e: "Por isso, enquanto temos tempo, façamos o bem a todos os homens, mas particularmente aos irmãos na fé".

"Este mandamento foi dado por Deus, assim o Apóstolo predileto, que quem ama a Deus, ame o seu próprio irmão..."

A citação vem de 1Jo 4,23.

"E eu, na minha mesquinhez, rezo ao Senhor..."

Aqui, as palavras de Paulo ecoam em uma fusão: "A mim, o mais insignificante dentre todos os santos" (Ef 3, 8), e "Por esta causa dobro os joelhos em presença do Pai," (Ef 3, 14). Mas a oração de Paulo, ajoelhado, também é contada em Atos 20, 36: "Depois de dizer isso, ajoelhou-se com todos eles e orou".

"a união de mentes e corações..."

A frase que começa aqui conecta magistralmente o que Lucas fala da primeira comunidade ("A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma." Atos 4, 32) com o Evangelho de João, as palavras de Jesus na última Ceia. Mas há também a presença da exortação de Paulo aos Filipenses sobre a harmonia ("de mentes e corações"), por meio da qual a comunidade percebe o pensamento de Cristo e o desígnio de Deus para o seu presente (Fl 2, 1-16; ver também 1 Coríntios 1, 10).

"que o Divino Mestre tem deixado como lembrança extrema, como herança preciosa para os Apóstolos e para todos os que teriam acreditado nele..."

Aqui, Conforti vai além do texto, interpretando o novo mandamento de Jesus (Jo 13, 34; 15, 12.17), objeto da sua oração (Jo 17, 21) como "memória extrema", como "herança preciosa". Assim se concentra na intenção de Cristo, apreende como se dá naquele mandamento, naquela oração. Conforti sente o amor mútuo, caminho para a unidade, como lugar onde vive na Igreja a intenção de Cristo, o seu Espírito.

"possa sempre a reinar..."

Aqui está outro exemplo de como em Conforti os dados bíblicos se baseiam em sínteses que formalmente não aparecem no texto sagrado, mas é uma interpretação autêntica e profunda dele. Um texto que está na base deste desejo, baseado no "reinado", poderia ser: "Triunfe em vossos corações a paz de Cristo, para a qual fostes chamados a fim de formar um único corpo. E sede agradecidos." (Colossenses 3, 15), onde o termo "caridade" não aparece, mas é evocado por ser "um único corpo". Pedro coloca a caridade "acima" de tudo: "Antes de tudo, mantende entre vós uma ardente caridade, porque a caridade cobre a multidão dos pecados" (1Pd 4, 8).

"Estejam sempre de acordo entre si..."

Aqui, Atos 1, 14 ecoa: "Todos eles perseveravam unanimemente na oração, juntamente com as mulheres, entre elas Maria, mãe de Jesus, e os irmãos dele.". Há também duas exortações importantes de Paulo e de Pedro: "completai a minha alegria, permanecendo unidos. Tende um mesmo amor, uma só alma e os mesmos pensamentos." (Fl 2, 2); "Finalmente, tende todos um só coração e uma só alma, sentimentos de amor fraterno, de misericórdia, de humildade" (1 Pd 3, 8).

"edificação fraterna..."

O tema da construção mútua aparece em 1Ts 5,11: "Portanto, confortem-se uns aos outros e ajudem-se uns aos outros (οἰκοδομετε τε ἑἴς τὸν ἕνα), como vocês já fazem" (cf. também Rm 14, 19). O que constrói não é o conhecimento, mas a caridade (1Cor 8,1: "Quanto às carnes oferecidas aos ídolos, somos esclarecidos, possuímos todos a ciência... Porém, a ciência incha, a caridade constrói."); cf. também 1 Cor 14, 3.5.12.26) .

"“Oh, como é suave e como é bom”, exclama o salmista, “que os irmãos estejam unidos!” ...

Conforti aqui cita o Salmo 132, um salmo onde a caridade fraterna é vista como a consagração do sumo sacerdote, como a bênção que o Senhor desce sobre toda a terra e sobre o próprio Templo. É a fonte da função de mediação das instituições mais importantes de Israel, o Templo e o Sacerdócio. Este salmo reúne em si mesmo significados muito densos. O texto do Salmo literalmente diz: "Os irmãos estejam (sentados) juntos (vivam, residam juntos)". Conforti capta, da convivência física e externa, o sentido mais profundo, a comunhão dos corações.

"a caridade de Jesus Cristo, como a descreve o sublime Apóstolo dos gentios..."

Conforti aqui provavelmente pensa no hino em louvor à caridade, 1 Co 13, 1-13.

"irá formar de todos os membros que o compõem um só coração e uma só alma..."

Retornamos ao tema já apresentado acima, com a variante de que aqui o tema da criação da unidade não são os componentes individuais da comunidade, como está escrito em Atos 4, 32, mas é a caridade. Esta leitura é muito profunda: Conforti centra-se no ato que torna possível a harmonia, um ato que vem de Deus: "E a esperança não engana. Porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado.". (Rom 5, 5); "pois todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus." (Rm 8, 14); "O amor de Cristo nos impulsiona, considerando que, se um só morreu por todos, logo todos morreram. Sim, ele morreu por todos, a fim de que os que vivem já não vivam para si, mas para aquele que por eles morreu e ressurgiu" (2Cor 5, 14-15).

"preservar com zelo o vínculo desta santa união..."

Mais uma vez Conforti interpreta o texto de Ef 4, 3: "Sede solícitos em conservar a unidade do Espírito no vínculo da paz (ἐν τῷ συνδέσμῳ τῆς εἰρήνης)", aparentemente invertendo o vínculo lógico entre meio e fim. Na CT, o vínculo da paz ajuda a preservar a unidade do espírito. Conforti parece indicar que o vínculo da unidade, preservado com ciúmes, produz a paz. Em Col 3, 14, Paulo parece confirmar a interpretação de Conforti: "Mas, acima de

tudo, revesti-vos da caridade que os une perfeitamente (caritatem quod est vinculum perfectionis, ὃ ἐστὶν σύνδεσμος τῆς τελειότητος)".

"Tudo deve ser sacrificado generosamente no altar da harmonia fraterna..."

A *philadelphia* (amor entre irmãos) aparece em 1Ts 4, 9 e também em 1Pd 1,22-23: "Em obediência à verdade, tendes purificado as vossas almas para praticardes um amor fraterno sincero. Amai-vos, pois, uns aos outros, ardentemente e do fundo do coração. Pois fostes regenerados não de uma semente corruptível, mas pela Palavra de Deus, semente incorruptível, viva e eterna.". Mas Conforti fala de concórdia; provavelmente ainda pensa no Salmo 132, que tem como pano de fundo os temas sacerdotais, que a presença do termo "altar" sugere, bastante surpreendente, mas capaz de abrir novos horizontes de sentido. De fato, Paulo diz: "Ainda que tenha de derramar o meu sangue sobre o sacrifício em homenagem à vossa fé, eu me alegro e vos felicito." (Fl 2, 17), num contexto em que ele fala de harmonia fraterna. Neste ponto, vêm à mente as palavras de Jesus: "Se, pois, apresentardes a vossa oferta no altar ..." (Mt 5, 23-24), onde a harmonia aparece como o verdadeiro sacrifício (metonimicamente: altar) agradáveis a Deus, Paulo escreve aos Coríntios: "Olhai para Israel segundo a carne: não são os que comem as vítimas sagradas em comunhão com o altar?", 1 Cor 10,18, num contexto em que exorta a respeitar os fracos de consciência na comunidade. Isto mostra mais uma vez que a caridade fraterna, paralelamente ao altar, não é simplesmente fruto da sua oferta, mas antes origem e sujeito do empenho das pessoas: não apenas o efeito de um ascetismo cansativo, mas a graça já recebida, um talento pelo qual ser grato.

"que torna a convivência feliz..."

Paulo confirma solenemente que a caridade fraterna traz alegria por estarmos juntos: "Se me é possível, pois, alguma consolação em Cristo, algum caridoso estímulo, alguma comunhão no Espírito, alguma ternura e compaixão, completai a minha alegria, permanecendo unidos. Tende um mesmo amor, uma só alma e os mesmos pensamentos." (Fl 2, 1-2). E em várias ocasiões mostra que a caridade recíproca é fonte de alegria, de espera, de anseio, de gozo ("Pois quem, senão vós sereis a nossa esperança, a nossa alegria e a nossa coroa de glória ante nosso Senhor Jesus, no dia de sua vinda? Sim, sois vós a nossa glória e a nossa alegria!", 1Ts 2, 19-20; "Se vos escrevi estas coisas foi para que, quando eu chegar, não sinta tristeza precisamente da parte dos que

me deviam alegrar. Confio em todos vós que a minha alegria seja a de todos.", 2 Cor 2, 3). No centro desta alegria, prometida pelo Mestre aos ramos unidos à videira (Jo 15, 11), está a recordação dele, a troca, a transmissão, a partilha da sua presença e revelação, dos seus dons: "O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos olhos, o que temos contemplado e as nossas mãos têm apalpado no tocante ao Verbo da vida – porque a vida se manifestou, e nós a temos visto; damos testemunho e vos anunciamos a vida eterna, que estava no Pai e que se nos manifestou –, o que vimos e ouvimos nós vos anunciamos, para que também vós tenhais comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo. Escrevemos-vos estas coisas para que a vossa alegria seja completa." (1 Jo 1, 1-4). "E os discípulos se alegraram em ver o Senhor" (Jo 20, 20).

CT10

"Eu queria recomendar tudo isso a vocês, queridos irmãos, diletíssimos..."

Em todo o texto bíblico encontramos recomendações; em particular em São Paulo. Em Rm 15, 15 ele explica por que queria escrever a carta, mesmo que no início os Romanos não precisassem: "Se, em parte, vos escrevi com particular liberdade, foi para relembrar-vos. E o fiz em virtude da graça que me foi dada por Deus,". Existe um paralelo entre a graça especial de Paulo e a graça especial do Fundador. "Irmãos caríssimos, diletíssimos", são as palavras que Paulo dirige aos Filipenses (Fl 4, 1: "Portanto, meus muito amados e saudosos irmãos, alegria e coroa minha, continuai assim firmes no Senhor, caríssimos").

"ao desejo vivíssimo que sinto por vossa santificação..."

Em 2Cor 11, 2 Paulo diz: "Eu vos consagro um carinho e amor santo, porque vos desposi com um esposo único e vos apresentei a Cristo como virgem pura.". E mais adiante: "Já há muito pensais que nos justificamos diante de vós. Perante Deus, em Cristo, é que nós falamos; mas tudo isso, meus caríssimos, para vossa edificação.". (2Cor 12, 19); "Alegramo-nos de ver-vos fortes, enquanto nós somos fracos. E até oramos por vossa perfeição." (2Cor 13, 9). Em muitas passagens de suas cartas ele ora por esse propósito; as

próprias cartas são fruto do desejo de santificação de seus cristãos - como a CT. Quanto ao "desejo mais vivo", pode-se lembrar: "*caritas Christi urget nos*".

"E tendo que me despedir de vocês, permitam que, resumindo o que já foi dito, expresso um voto..."

O tema da despedida é o pano de fundo para as palavras de Jesus na Última Ceia, contadas por João; e às palavras de Paulo no discurso de despedida aos anciãos da igreja de Éfeso em Mileto (Atos 20, 18-38). Também em Fl 4, 8-9, Paulo apresenta aos cristãos uma espécie de síntese das suas exortações: "Em conclusão, irmãos ...".

"um espírito de fé viva que nos faça ver Deus, buscar Deus, amar a Deus em tudo, incentivando em nós o desejo de propagar em todos os lugares seu Reino..."

Aqui estamos novamente diante de uma das grandes sínteses em que Conforti espreme o suco de muitas passagens bíblicas quase num só gole. A "fé viva" é o que os apóstolos pedem a Jesus (Lc 17, 6: "Aumenta a nossa fé"), e o motivo de Paulo para agradecer a Deus a respeito dos Tessalonicenses: "Com efeito, diante de Deus, nosso Pai, pensamos continuamente nas obras da vossa fé, nos sacrifícios da vossa caridade e na firmeza da vossa esperança em nosso Senhor Jesus Cristo, sob o olhar de Deus, nosso Pai." (1Ts 1, 3); "Sentimo-nos na obrigação de incessantemente dar graças a Deus a respeito de vós, irmãos. Aliás, com muita razão, visto que a vossa fé vai progredindo sempre mais e desenvolvendo-se a caridade que tendes uns para com os outros." (2Ts 1, 3). "Ver Deus" é o desejo de Moisés (Ex 33, 18), que em Jesus se ouve: "Quem me vê, vê o Pai" (Jo 14, 9). Eliseu ora pelo seu servo: "'Senhor, abri-lhe os olhos, para que veja". O Senhor abriu os olhos do servo e este viu o monte cheio de cavalos e carros de fogo ao redor de Eliseu." (2 Reis 6, 17). "Buscar a Deus" é a tarefa que Israel deve cumprir de todo o coração: "Então procurarás o Senhor, teu Deus, e o encontrarás, contanto que o busques de todo o teu coração e de toda a tua alma." (Deut. 4, 29); "E tu, Salomão, meu filho, conhece o Deus de teu pai e serve-o com um coração leal e com alma devotada, pois ele sonda todos os corações e conhece todos os desígnios do espírito. Se o procurares, tu encontrarás; mas se o abandonares, ele te rejeitará para sempre." (1Cr 28, 9). E é a pergunta que flui de Jesus aos primeiros discípulos (Jo 1, 38: "O que procurais?") E a Maria Madalena ("Mulher, por

que choras? A quem procuras?", Jo 20, 14). "Amar a Deus" é a ordem do Shemá, e a pergunta de Jesus a Pedro: "Simão, filho de João, tu me amas?" (Jo 21, 15-19). "Em tudo", ele ecoa Paulo quando diz: "Depois, virá o fim, quando entregar o Reino a Deus, ao Pai, depois de haver destruído todo principado, toda potestade e toda dominação... E, quando tudo lhe estiver sujeito, então também o próprio Filho renderá homenagem àquele que lhe sujeitou todas as coisas, a fim de que Deus seja tudo em todos." (1Cor 15, 24,28; "*in omnibus Christus*", Col 3, 11). Este texto apreende uma tensão escatológica, a realização a que o plano divino deve chegar. É em função disso que da "fé viva" não surge simplesmente uma contemplação, como para os outros santos, mas "o desejo agudo" de difundir o Seu Reino por toda a parte. É a partir desta visão que Conforti liga fé e missão, uma ligação que não é imediatamente evidente.

"um espírito de obediência pronta, generosa e constante em tudo e a todo custo..."

A obediência vale mais do que o sacrifício (1Sm 15, 22), e em Jesus chega ao fim, o dom da própria vida: "Ele se humilhou, fazendo-se obediente até a morte e morte de cruz" (Fl 2, 8).

"para alcançar as vitórias de Deus prometidas ao homem obediente..."

Genesis 22 parece ser o contexto a que se refere Conforti. Abraão obedeceu prontamente, generosamente, constantemente, a qualquer custo. Por isso, quando mostra que está pronto para sacrificar Isaac, o anjo do Senhor do céu diz-lhe: "Juro por mim mesmo, diz o Senhor: pois que fizeste isto, e não me recusaste teu filho, teu filho único, eu te abençoarei. Multiplicarei a tua posteridade como as estrelas do céu, e como a areia na praia do mar. Ela possuirá a porta dos teus inimigos, e todas as nações da terra desejarão ser bendita como ela, porque obedeceste à minha voz" (Gn 22, 16-18).

"um espírito de amor intenso para a nossa Família Religiosa, que devemos considerar como mãe..."

Dom Conforti pensa aqui na Família Xaveriana em analogia com a Igreja, da qual Paulo diz: "Mas a Jerusalém lá do alto é livre e esta é a nossa mãe," (Gal 4, 26). Quanto ao amor à Igreja, em Ef 5, 1-2, encontramos: "Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos muito amados. Progredi na caridade, segundo o exemplo de Cristo, que nos amou e por nós se entregou a Deus como

oferenda e sacrifício de agradável odor.". E mais especificamente: "Maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, para santificá-la, purificando-a pela água do batismo com a palavra, para apresentá-la a si mesmo toda gloriosa, sem mácula, sem ruga, sem qualquer outro defeito semelhante, mas santa e irrepreensível" (Ef 5, 25-27).

"de caridade à toda prova..."

"(A caridade) tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta." (1 Cor 13, 7).

"E este voto, que vocês devem considerar como o testamento do pai, confio-o ao adorável Coração de Jesus, implorando-o para torná-lo efetivo com sua graça...."

No fundo destas palavras encontramos as palavras de Jesus na Última Ceia, o seu novo mandamento: "Filhinhos meus, por um pouco apenas ainda estou convosco. Vós me haveis de procurar, mas, como disse aos judeus, também vos digo agora a vós: para onde eu vou, vós não podeis ir. Dou-vos um novo mandamento: Amai-vos uns aos outros. Como eu vos tenho amado, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros. Nisso todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros". (Jo 13, 33-35); a oração sacerdotal, na qual Jesus confia os seus ao Pai ("Já não estou no mundo, mas eles estão ainda no mundo; eu, porém, vou para junto de ti. Pai santo, guarda-os em teu nome, que me encarregaste de fazer conhecer, a fim de que sejam um como nós.", Jo 17, 11) e a oração de Paulo a Mileto "Agora eu vos encomendo a Deus e à palavra da sua graça, àquele que é poderoso para edificar e dar a herança com os santificados.", Atos 20, 32). A confiança em Deus é um tema recorrente nos Salmos: "Nas tuas mãos confio o meu espírito; tu me redimiste, Senhor, Deus fiel" (Sl 30/31, 6), vivido por Jesus na cruz (Lc 23, 46; 1 Pt 2, 23).

"embora como trabalhadores da última hora..."

A referência é à parábola dos trabalhadores da vinha, Mt 20, 1-16.

"daremos o nosso modesto contributo para a edificação do corpo místico de Cristo..."

O tema da edificação é recorrente no NT, a partir das palavras de Jesus: "E eu te declaro: tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja; as portas

do inferno não prevalecerão contra ela." (Mt 16, 18). Em São Paulo e em São Pedro é um tema característico, a ponto de que é a partir deles que "construir" recebe um sentido traduzido, passando do edifício à cooperação em vista do crescimento espiritual (cf. 1 Cor 8, 1; e todo o capítulo 14). Mas não é fácil encontrar a imagem do edifício e a realidade do corpo juntas. Um corpo, propriamente falando, não "constrói" (mesmo que em hebraico haja uma relação semântica entre "construir" e "filhos", veja Salmo 125/126). Esse vínculo se encontra em Ef 4, 11-12: "A uns ele constituiu apóstolos; a outros, profetas; a outros, evangelistas, pastores, doutores, para o aperfeiçoamento dos cristãos, para o desempenho da tarefa que visa à construção do corpo de Cristo" (cf. Ef 4, 16).

"recebendo a mesma recompensa dos trabalhadores da primeira hora..."

Conforti conclui lembrando a parábola dos trabalhadores da vinha.

CT11

"E neste momento, em que sinto toda a doçura da caridade de Cristo, muito mais forte de toda afeição natural..."

Entre as referências possíveis podemos citar: "Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre vós e recebei minha doutrina, porque eu sou manso e humilde de coração e achareis o repouso para as vossas almas. Porque meu jugo é suave e meu peso é leve." (Mt 11, 28-30) e Ef 3, 17-19: "Que Cristo habite pela fé em vossos corações, arraigados e consolidados na caridade, a fim de que possais, com todos os cristãos, compreender qual seja a largura, o comprimento, a altura e a profundidade, isto é, conhecer a caridade de Cristo, que desafia todo o conhecimento, e sejais cheios de toda a plenitude de Deus.". No entanto, ele volta novamente: "*Caritas Christi urget nos*".

"causa que nos une numa só família..."

No Antigo Testamento, um pacto é "feito" entre os homens e com Deus; "A minha alma se apega a ti; a tua destra me sustenta", diz o salmista no Sal 62/63, 9. A Sabedoria "é uma árvore de vida para aqueles que lançarem mãos dela. Quem a ela se apega é um homem feliz." (Pro 3, 18). No NT, a multidão "se reúne" em torno de Jesus (Mc 5, 24.31). Com 2, 19 ele fala de "aperto

(κρατῶν)" à cabeça "da qual todo o corpo recebe sustentação e coesão por meio de juntas e ligamentos e cresce de acordo com a vontade de Deus". Assim também 1Pd 2, 4-5: "Achegai-vos a ele (προσερχόμενοι) , pedra viva que os homens rejeitaram, mas escolhida e preciosa aos olhos de Deus; e quais outras pedras vivas, vós também vos tornais os materiais deste edifício espiritual, um sacerdócio santo, para oferecer vítimas espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo.". Segundo estes textos, Cristo seria a "causa" da nossa unidade: Cristo visto no dinamismo da sua relação com o Pai e da sua missão: "a quem o Pai consagrou e enviou ao mundo" (Jo 10, 36); "Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio" (Jo 20, 21).

"abraço com efusão de coração, como se estivessem aqui presentes..."

No AT, abraçar está frequentemente relacionado com beijos, como um sinal de afeto entre parentes (Labão para Jacó, Gn 29, 13; Esaú para Jacó, Gn 33, 4; Jacó para os filhos de José, Gn 48, 10 ; Raquel para Tobias, Tb 4, 6). É um gesto que se realiza entre amantes (Ct 2, 6), e também em direção à Sabedoria (Pro 4, 8). Jesus "abraça" uma criança (Mc 9, 36) e é abraçado aos pés, ressuscitado, pelas mulheres piedosas (Mt 28, 9). Atos 20, 10 diz: "Paulo desceu, debruçou-se sobre ele, tomou-o nos braços e disse: "Não vos perturbeis, porque a sua alma está nele". No seu abraço, Conforti coloca-se ao lado do pai e do irmão, ao lado de Jesus e de Paulo, um abraço que indica pertença recíproca e dá vida. O tema da presença/vinda (*parousia*) é fundamental na Escritura. Jesus é aquele que vem e está sempre conosco, além da visibilidade física. Paulo em 1Cor 5, 3 diz: "Pois eu, em verdade, ainda que distante corporalmente, mas presente em espírito", tema que ele repete em 2Cor 13, 2 e Ef 4, 6 sentindo a presença de Deus além dos espaços e dos tempos: "Um só Deus e Pai de todos, que é acima de tudo, atua em todos e está presente em todos".

"sobre todos eu invoco de Deus, na minha grande indignidade..."

O tema da oração pelas pessoas confiadas volta aqui, como em Atos 20.

"o espírito dos Apóstolos..."

O Espírito "move" Davi (Mt 22, 43), Simeão (Lc 2, 27), Jesus (Mc 1, 12), fala a Pedro (At 11, 12), envia Paulo e Barnabé (At 13, 4), força Paulo a ir a Jerusalém (Atos 20, 22)... Conforti então talvez pense na promessa e missão que Jesus dá aos Apóstolos: "mas descera sobre vós o Espírito Santo e vos dará força; e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e

Samaria e até os confins do mundo" (At 1, 8). Mas talvez pense também na dedicação interior com que os Apóstolos cumprem a sua missão, no mais completo desinteresse (1 Cor 9, 18), procurando agradar a Deus (1Ts 2, 4), com *parrhesia* de se apresentarem perante todas as consciências (2Cor 2,17; 4,2) tentando convencer a todos (2Cor 5, 11), em meio às perseguições (1Cor 4, 9-17; 2Cor 6, 3-11; 11, 23-27) e ansiedades (2Cor 11, 28-29), com o amor de um pai e de uma mãe por aqueles a quem anunciam Cristo ("assim, em nossa ternura por vós, desejávamos não só comunicar-vos o Evangelho de Deus, mas até a nossa própria vida, porquanto nos sois muito queridos.", 1Ts 2, 8). "Mas nada disso temo, nem faço caso da minha vida, contanto que termine a minha carreira e o ministério da palavra que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho ao Evangelho da graça de Deus.". (At 20, 24).

"Com o desejo de que todos nos encontremos um dia no Céu, na mesma pátria abençoada..."

"Pai, quero que, onde eu estou, estejam comigo aqueles que me deste, para que vejam a minha glória que me concedeste, porque me amaste antes da criação do mundo" (Jo 17, 24). "Nós, porém, somos cidadãos dos céus. É de lá que ansiosamente esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará nosso mísero corpo, tornando-o semelhante ao seu corpo glorioso, em virtude do poder que tem de sujeitar a si toda criatura." (Fil. 3, 20-21). "Quando for dado o sinal, à voz do arcanjo e ao som da trombeta de Deus, o mesmo Senhor descerá do céu e os que morreram em Cristo ressurgirão primeiro. Depois nós, os vivos, os que estamos ainda na terra, seremos arrebatados juntamente com eles sobre nuvens ao encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor. Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras." (1Ts 4, 16-18).

"eu vos abençoo..."

"Depois os levou para Betânia e, levantando as mãos, os abençoou. Enquanto os abençoava, separou-se deles e foi arrebatado ao céu." (Lc 24,50-51). Neste contexto, a bênção de São Guido tem um sabor semelhante ao de Cristo, Sumo Sacerdote da nossa fé e vocação.

"Aff.mo in Corde Jesu..."

"Vos escrevi... para vos fazer conhecer o amor todo particular que vos tenho." (2 Cor 2, 4). "Deus é minha testemunha do forte desejo que tenho por todos vós no amor (συν σπλάγχχνοις, nas entranhas) de Cristo Jesus" (Fl 1, 8).

A partir dos textos elencados, outras pesquisas poderiam ser feitas, por exemplo sobre os textos que Conforti de alguma forma prefere pela harmonia que encontra com eles. Também se pode estudar o quanto da tradução latina influencia as referências textuais que ele faz. O que foi listado até agora pode talvez constituir uma oportunidade para um estudo mais aprofundado.

Desta breve e incompleta lista de textos bíblicos que constituem o pano de fundo da CT, é possível compreender, porém, como o pensamento de Conforti está verdadeiramente imbuído da Sagrada Escritura: não apenas no sentido de um conhecimento profundo, fruto da sua frequência quotidiana do texto sagrado, mas também, e talvez de fato, no sentido de uma percepção mística do significado mais profundo e verdadeiro da Palavra, Cristo.

Precisamente a coexistência deste duplo nível, de profundo conhecimento e percepção mística, permite a Conforti condensar por vezes o seu pensamento em fórmulas curtas, mas extremamente fecundas, numa síntese própria, que, indo além dos ditames das passagens individuais da Escritura, é, entretanto, pode-se dizer com certeza, apenas bíblico.

